

DIVERSIFICAÇÃO



VITOR JUBINI

Inovação na moda

Flávio Ribeiro, dono da Sim Sr. Camisaria, e Nana Muriel, dona da Flor de Maria, trazem, respectivamente, estampas diferentes e design de moda autoral para o Estado.

“A indústria criativa está crescendo bastante, mas ainda falta que as pessoas saibam que temos esse trabalho no Estado”

— NANA MURIEL

AS NOVAS FRONTEIRAS DA INDÚSTRIA CAPIXABA

Tecnologia, inovação e criatividade vão puxar o crescimento

✎ **LUÍSA TORRE**
ltorre@redgazeta.com.br

Baseada nos grandes projetos da década de 1970, a economia do Espírito Santo vê sua indústria perder força em meio a uma crise internacional de commodities. A redução do ritmo de crescimento da China afeta fortemente o complexo mineiro-metalúrgico, responsável por quase 30% do PIB estadual, e os baixos preços internacionais atingem o setor petrolífero do Estado.

Além disso, outros setores, como a construção civil, amargam prejuízos e demitem em meio à crise econômica do país. Mas se a indústria das gigantes hoje padece, que setores têm potencial para puxar uma nova onda de crescimento?

“O Espírito Santo está entrando no seu terceiro ciclo. Primeiro foi o do café, depois a industrialização e, agora, é a diversificação econômica. Nosso futuro passa pelo conhecimento tecnológico, então temos que trabalhar a

Inserção nas cadeias globais

✎ **Como o Estado tem vocação para o comércio exterior, o futuro passa por participar das cadeias globais de valor, onde se produz ou monta partes de produtos tecnológicos. Para o secretário de Estado do Desenvolvimento, José Eduardo Azevedo, haverá uma convivência de gerações do processo industrial.**

educação e a inovação. Na parte da Tecnologia da Informação (TI), temos que produzir equipamentos de alta tecnologia para a indústria. E há a indústria criativa, seja na parte de moda, gráfica ou de móveis de alto nível”, observa Durval Vieira de Freitas, diretor da DVF Consultoria.

A indústria criativa, que cresceu 105% em 10 anos, será um dos motores da inovação, analisa Dória Porto, diretor executivo do Institu-

to de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo (Ideies), através do design – o design de gestão, de processos, de marca e de lojas.

CONVIVÊNCIA

Para o economista Orlando Caliman, as commodities de hoje podem servir de plataforma para novos rumos na indústria capixaba. “Isso acontece aumentando a agregação de valor, por exemplo, com a indústria metalúrgica derivando para desdobramentos como os laminados a frio. Além disso, cada vez mais equipamentos estarão incorporando novas tecnologias, inclusive em setores como a construção”.

Por isso, temos que nos inserir na revolução digital, diz o presidente do Sindicato das Empresas de Informática do Estado (Sindinfo), Luciano Raizer. “O mundo está em evolução pelo uso da TI. Estamos em plena revolução digital. Ou sofremos a consequência da transformação ou fazemos parte dela”.

Inovação aplicada a setores tradicionais para agregar valor

✎ Embora as commodities e a indústria tradicional não sejam uma fronteira de expansão da indústria, elas têm grande importância para o PIB e para a geração de emprego no Estado e no país. Por isso, segundo especialistas, são setores que precisam continuar investindo, mas têm de inovar para competir. É aí que entra a tecnologia.

“O conhecimento será o fio condutor do que virá pela frente. O conhecimento traduzido em novas formas de produzir, criar novos produtos e serviços. Isso pressupõe a educação como requisito fundamental. É, portanto, nessa nova perspectiva que devemos pensar o desenvolvimento dos nossos setores e atividades já consolidadas”, analisa o economista Orlando Caliman.

A aplicação de tecnologia



ARQUIVO PESSOAL

Franco Machado: oportunidades com TI

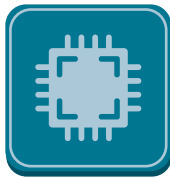
na produção acontece de forma cada vez mais intensa, de acordo com o presidente do Sindinfo, Luciano Raizer. “O conceito de inovação é quando a tecnologia cruza com a necessidade. Então, temos que enxergar a necessidade das empresas de setores tradicionais. Se o de ro-

chas precisa ser comercializado para o mundo, fazemos um aplicativo. Se vestuário precisa de roupas funcionais, embarcamos tecnologia nas roupas. Se a construção civil precisa de tecnologia, vemos como imprimir as casas. A revolução está aí, vamos nos unir a ela”.

Esse é o caso da Mogai, que desenvolve equipamentos de TI. Recentemente, lançou um equipamento que mede o volume de pilhas de minério através de fotografia. Tecnologia mais barata que a empregada na indústria mineradora. “Quando não se investe em tecnologia para aumentar a produção, se investe para reduzir custos. O Estado tem um parque industrial avançado, temos que aproveitar para gerar negócios”, diz o diretor comercial Franco Machado.

CARACTERÍSTICAS DOS SETORES

TECNOLOGIA



A aplicação de tecnologia na produção acontece de forma cada vez mais intensa e, no futuro, a tecnologia virá aplicada aos setores tradicionais, como vestuário e metalmeccânico, melhorando os processos, reduzindo custos e aumentando a competitividade

8 mil funcionários

Estavam empregados no setor, em 1.078 empresas, em 2014

5.800 trabalhadores

Atuavam no setor, em 850 empresas, em 2010

INDÚSTRIA CRIATIVA



Setor que agrega publicidade, design, moda, arquitetura, música, teatro, audiovisual e tecnologia tem contribuído para o redesenho da indústria capixaba, agregando valor ao produtos. É através dela que surge a inovação com design de gestão, de processos, de marca, das lojas, etc

105% de crescimento

Foi o aumento na quantidade de trabalhadores na indústria criativa entre 2004 e 2013

13.408 trabalhadores

É o número de empregados em 1.450 empresas, que movimentaram R\$ 2 bilhões, em 2013

AUTOMOBILÍSTICO



Setor que se desenvolve no Norte do Estado, com a vinda da Marcopolo e da Volare para São Mateus, promete ser polo de atração de fornecedores e de outras empresas e tem uma perspectiva positiva de médio a longo prazo

885 empregados

Era o total de funcionários trabalhando no setor em 2014

630 trabalhadores

Estão no setor que mais emprega, o de fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos

INDÚSTRIA NAVAL



Com grandes projetos, especialmente os situados em Aracruz, como a Jurong, a indústria naval vem crescendo e tem boa perspectiva em médio e longo prazo em atividades como reparo de navios e apoio ao setor petrolífero

1.040 empregos

Era a quantidade de empregados no setor em 2014. Em 2010, eram 784

R\$ 1,5 bilhão

É o valor de investimento total na construção do Estaleiro Jurong Aracruz

AGRONEGÓCIO



O café foi parte do primeiro ciclo econômico do Estado. Hoje, diversos produtos estão voltados para exportação e isso tende a crescer. A produção que incorpore inovações, como adequação às mudanças climáticas, e agregação de valor, como a produção de cafés gourmet, são o futuro do setor

30% do PIB estadual

Está ligado ao agronegócio, incluindo o setor de celulose

US\$ 780,59 milhões

Foi o valor exportado de janeiro a maio de 2015. Mais de 1 milhão de toneladas de produtos do agronegócio foram vendidos para o exterior

COSMÉTICOS E FARMACÊUTICA



O setor que resiste à crise econômica atual também terá crescimento nos próximos anos, especialmente em nichos especializados, como alérgicos e idosos. É um setor que tem um valor agregado, diferente das commodities

13.618 empregos

É o número de postos de trabalho do setor em 2014. Em 2010, eram 10,9 mil

1.066 vagas

Estão em Cariacica, município que dobrou sua participação em empregos no setor entre 2010 e 2014

Infografia | Marcelo Franco

GARGALOS NA INFRAESTRUTURA

“A empresa do futuro será ágil e inovadora”

FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

Flávio Castelo Branco diz que é preciso atacar o complexo sistema tributário do país

« É impossível pensar o Brasil como um país sem uma indústria forte. E, para ganhar espaço novamente no PIB, é preciso atacar problemas como burocracia, sistema tributário complexo e problemas de infraestrutura. Essa é a opinião de Flávio Castelo Branco, gerente de política econômica da CNI.

A cada ano, a indústria perde espaço no PIB brasileiro. Por quê?

Isso é um processo que vem de meados da década passada. Foi quando houve no mundo uma mudança significativa, a ascensão da China. Grande parte da indústria de transformação hoje se concentra no Sudeste da Ásia e na China. Esses países tem condições de custo muito vantajosas e a economia brasileira acaba sofrendo porque os custos domésticos de produção são altos, salários crescendo mais que a produtividade, problemas de logística, aumento de tributação, burocracia. Em 2015, a indústria correspondeu a 9% do PIB, há 10 anos, era 18%.

Como reverter isso?

É impossível pensar um país da dimensão do Brasil,



Gerente da CNI diz que empresas precisam buscar produtividade e inovação

continental, sem uma indústria forte. Temos que tentar reduzir os custos de produzir no Brasil. Uma parte disso foi revigorada com a recente desvalorização do câmbio, mas não resolve tudo. Temos um problema de custos sistêmico, um sistema tributário ineficiente, burocracia, custo de logística elevado com infraestrutura precária e fomos lenientes em atacar isso porque o boom do valor das commodities nos deixou acomodados. Essa situação precisa mudar, um ataque frontal ao custo de produção e, ao mesmo tempo, aumentar produtividade. Isso em parte vem com educação, em médio e longo prazo, mas também com treinamentos, cons-

cientização, uso mais eficiente da gestão. A gestão empresarial também precisa reagir.

O que o setor privado deve fazer?

O setor tem que pressionar o governo a ser melhor. E também olhar para dentro da fábrica e buscar mais produtividade, inovar, buscar eficiência e melhorar a gestão.

Como caminhar para uma indústria que agregue mais valor aos produtos?

A indústria brasileira tem se diversificado. A gente não pode querer competir diretamente com produtos de muito baixo custo, o chinês ou o vietnamita vai ganhar. Mas temos ni-

chos. E temos que desenvolver design, tecnologias, inovação, mudar o produto para se diferenciar num mercado em que a competição é muito forte. Também temos que nos inserir mais no mercado internacional.

Como o senhor vê a indústria em 20 anos?

Depende da capacidade de transformar a economia e a sociedade brasileira. Se formos capazes de fazer reformas, reduzir do tamanho do Estado, ter relações trabalhistas mais flexíveis. A empresa do futuro é inovadora e tem gestão eficiente e ágil, ela pode passar pela crise. São empresas com agilidade e capacidade de inovação.

COMO A INDÚSTRIA PODE CRESCER?

EDUCAÇÃO

▼ **Melhoria da qualificação** profissional gera mais produtividade, capacidade inovadora e uso de novas tecnologias
▼ **72,5% das empresas** apontam falta de pessoal qualificado como barreira para desenvolver inovação na indústria
GOVERNANÇA
▼ **Transparência**, publicidade e mensuração de resultados para

melhorar a competitividade da indústria brasileira
▼ **Agências reguladoras** de qualidade se traduzem em maior atração de investimentos privados
BUROCRACIA
▼ **Sobreposição** de competências, profusão de leis e normas contraditórias e modificações constantes na legislação geram insegurança jurídica
▼ **Melhoria no licenciamento**

ambiental passa por balcão único que concentre processos de emissão das licenças, simplificação para empreendimentos de baixo impacto ambiental
IMPOSTOS
▼ **Excesso de** normas faz do sistema tributário brasileiro um dos mais complexos e onerosos do mundo – são 2.600 horas por ano para manter os impostos em dia
▼ **Uma reforma** tributária deve desonerar

investimentos e exportações, unificar características dos tributos sobre circulação de bens e serviços, eliminar cumulatividade dos impostos e atualizar a tributação sobre renda
RELAÇÕES DE TRABALHO
▼ **É preciso** atualizar, desburocratizar e modernizar a legislação para aumentar a produtividade do trabalho, recuperar a competitividade das empresas e melhorar o ambiente de negócios

FALTA DE EDUCAÇÃO PROVOCA DEMISSÕES

Não basta um bom currículo,
é preciso ter atitudes corretas



Atendimento

A consultora Luciana Almeida, responsável pelo treinamento de vendedoras da Adcos, diz que aulas de bom comportamento são vantajosas para funcionários e empresa.

“Os empresários perceberam que o bom comportamento é uma ferramenta enriquecedora”

LUCIANA ALMEIDA

Consultora de estilo e colunista da Revista.AG

▄ DINÁ SANCHOTENE
dsanchotene@redgazeta.com.br

Os profissionais são contratados por causa de seus conhecimentos técnicos, mas podem ser demitidos pelo seu comportamento. Muitas vezes isso ocorre porque esses colaboradores não sabem conviver com os colegas, falam de forma grosseira e até se vestem de maneira desleixada. De acordo com especialistas, a falta de educação pode custar uma promoção e até o seu emprego.

A consultora de estilos Luciana Almeida destaca que os empresários estão preocupados com a imagem de suas empresas e investindo em treinamentos de boas maneiras de seus funcionários.

“O que os empresários e os profissionais liberais estão percebendo é a possibilidade de usar o bom



Renato Machado diz que treinamento cria uma identidade para as empresas

comportamento como uma ferramenta para enriquecer o relacionamento dos funcionários com os clientes. Quanto mais positivo o tratamento, mais ganhos todos têm”, disse.

Ela lembra que as pessoas estão cada vez mais envolvidas com o trabalho, e as regras da boa

convivência foram deixadas de lado. “Esse resgate entre os colaboradores e a empresa veio concluir que o bom relacionamento é a chave do negócio”, avalia.

O psicólogo e professor da Faesa, Valdeci Auer, aponta como falta de educação atitudes como falar alto, fazer fofo-

cas, brincadeiras desrespeitosas, entre outros pontos. “Ao atender um cliente ou colega, evite palavras no diminutivo como ‘um minutinho’ e ‘um instantinho’. Alguns comportamentos são inaceitáveis. Demonstrar má vontade e desinteresse é uma desleixação também”, ressalta.

MARCELO PREST

FIQUE ATENTO

▼ Roupas

É importante adotar o traje de acordo com a cultura da empresa e ao ambiente de trabalho.

▼ Linguagem e postura

Palavrões, gírias e falar alto são comportamentos que podem prejudicá-lo.

▼ Tolerância

Saiba expor seu ponto de vista, mas não tente forçar ninguém a aceitá-lo. Cada um tem o direito de ter a sua própria opinião.

A especialista em Pessoas, Gisélia Curry, acredita que a parte estratégica de um profissional é o seu comportamento. “De nada adianta ter um currículo exemplar e ótimas formações se você não tem um comportamento

adequado. A falta de educação tira a notoriedade desse colaborador. Não tem nada melhor para uma organização do que ter um profissional educado e carismático, que sabe se comportar. No dia a dia ninguém quer trabalhar com uma pessoa chata e mal educada”, ressaltou.

O diretor do Centro Médico do Shopping Vitória, Renato Machado, acredita que investir no treinamento do colaborador é a melhor maneira de criar a identidade da empresa. “Essa sempre foi uma preocupação, pois estamos sempre pensando no cliente e na melhor maneira de atendê-lo. Esses treinamentos são feitos com todos os colaboradores e donos da empresa, para que o pensamento seja o mesmo”, finaliza.

Rigidez dos chefes pode interferir na produtividade da equipe

▄ A falta de educação é um comportamento inaceitável, independentemente do cargo que o profissional ocupa. Conforme a especialista em Pessoas, Gisélia Curry, os líderes não podem confundir rigidez com falta de educação.

“O chefe tem que tomar cuidado com palavras mal educadas, que podem causar feridas e consequências irreparáveis na equipe e na produtividade. Há uma grande inco-

rência no discurso dos líderes que querem mostrar seriedade e confundem isso com falta de educação”, disse.

A especialista lembra que muitas vezes esse comportamento se transforma em agressão. “É fácil perceber que algo está errado. Basta observar se há muita rotatividade na equipe. Aqueles que permanecem na empresa, com esse tipo de líder, acabam ado-



Para Gisélia, seriedade de chefes pode causar mal-estar

DIVULGAÇÃO

cendo”, afirmou.

Gisélia destaca, ainda, que também é falta de educação o olhar e a expressão corporal. “Quando um funcionário está falando e o chefe continua fazendo outra coisa, isso demonstra falta de educação. É preciso dar atenção às pessoas, mesmo quando o assunto não tiver importância”, diz a especialista.

Na opinião de Gisélia, as empresas hoje, por conta da crise, consideram

qualquer falha como um erro grave. No mundo corporativo, segundo ela, não são admitidas mais falhas como comportamentos inadequados. “Isso pode representar uma perda de contrato e, conseqüentemente, no faturamento da empresa. O momento econômico atual é muito sério. Portanto, ter educação é sinal de profissionalismo, independentemente do cargo que ocupa”, ressaltou Gisélia Curry.